

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano VII — Número 76

Abril de 1969

Exame de Consciência

O Nosso coração é fraco. Pode enganar-nos. Arriscamo-nos então a:

DAR, mas como Ananias: Actos 5:2;

SACRIFICAR, mas como Caím: Génesis 4:2;

TOMAR PARTE NO CULTO: mas como Coré: Números 16;

CHORAR: mas como Esaú: Génesis 27:38;

ABANDONAR: SODOMA: mas como a mulher de Lot: Génesis 19:26;

TER ZELO por Deus, mas como Israel: Romanos 10:2;

ORAR, mas como os Fariseus: Mateus 23:14;

ESTAR PERTO DO REINO DOS CÉUS, mas como o jovem rico: Mateus 19:16-22;

SER DISCÍPULO DE JESUS, mas como Judas: Actos 1:25;

TER LAMPADAS, mas como as virgens loucas: Mateus 25:13;

FAZER OBRA DE PIEDADE, mas como a descrita em Mateus 7:22, 23;

E perdermos, assim, os nossos direitos à vida eterna!

“E, se Cristo não Ressuscitou!...”

por A. Casaca

Ai de nós, se Jesus não tivesse ressuscitado. «Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa fé e ainda permanecemos nos nossos pecados».

Em todos nós, em todos os homens manifesta-se de maneira arrebatadora e insofrida a ânsia indizível de viver, de não regressar ao nada, a esse nada em que se penetra por essa misteriosa porta que é a morte.

Pois se Jesus não ressuscitou todas as aspirações de vivermos para sempre serão eternamente frustradas.

Mas graças a Deus, o Salvador ressuscitou verdadeiramente, garantindo-nos, assim, a vida eterna.

«Lentamente passara a noite do primeiro dia da semana. Havia soado a hora mais escura, exactamente, antes do raiar da aurora. Jesus continuava prisioneiro no seu estreito sepulcro. A grande pedra estava no seu lugar; o selo romano continuava intacto; a guarda mantinha-se de sentinela. Mas vigias invisíveis também ali estavam. Hostes de anjos maus achavam-se reunidos em torno daquele lugar. Se tivesse sido possível, o príncipe das trevas, com o seu exército de apóstatas, teria mantido fechado para sempre o túmulo que guardava o o Filho de Deus. Uma outra hoste, porém, celeste circundava o sepulcro. Anjos magníficos em poder o guardavam, esperando o momento de saudar o Príncipe da Vida» (O Desejado de Todas as Nações, pág. 582)

Bem sabemos que os anjos das trevas, sob a direcção de Satanás procuravam manter retido para todo o sempre, na sepultura, Aquele que iria triunfar, definitivamente, da morte. É certo que baixara ao sepulcro, entrando, assim nesse pavoroso reino pertença dos pecadores e sua trágica herança.

Mas ia soar a hora da libertação, essa hora que marcaria o início da su-

prema derrota do príncipe do mal e dos seus satélites.

Satanás, sempre enganador, destacara, de certo, para junto do sepulcro os seus mais escolhidos acólitos, porventura para presenciar o que ele lhes dissera que seria uma vitória.

Mas em breve ficaram desiludidos.

«E eis que houvera um grande terremoto, porque um anjo do Senhor, descendo do céu, chegou. Vestido com a armadura de Deus, deixou este anjo as cortes celestiais. Precediam-no os brilhantes raios da glória divina, iluminando-lhe o caminho. E o seu aspecto era como um relâmpago, e o seu vestido branco, como a neve. E os guardas com medo dele, ficaram muito assombrados e como mortos». (O Desejado de Todas as Nações, pág. 582).

Assim se desmoronava como um singelo castelo de cartas, todo esse sistema defensivo estabelecido pelo torvo Sinédrio de colaboração com o poder romano.

Aleluia! Aleluia! O Senhor ressuscitou verdadeiramente, triunfando da morte e de Satanás.

Se Jesus não tivesse ressuscitado toda a nossa vida seria um fracasso, porque ficaríamos para sempre no poder de Satanás, isto é, nas sombras da morte. Desapareceria dos nossos corações essa grande esperança que é a de viver eternamente. Sem Jesus ressuscitado seríamos as mais miseráveis de todas as criaturas, portanto «se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todas as criaturas, portanto «se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens» (I Cor. 15:19).

Efectivamente, de nada nos serviria o amor de Deus nem o amor do próximo; de nada nos serviria o procurarmos cumprir a santa vontade de Deus, por-

Continua na pág. 5

A Primeira Páscoa

— Meu pai, dormir não posso!
O dito do profeta em meu ouvido está.
Meu coração é presa de temores,
pois primogénita eu sou, e cairá
sobre mim do anjo a crua foice,
se em nossa porta não houver sinal.
Debalde eu digo os nomes dos profetas,
penso nos que escaparam com Noé do mal.
Dormir não posso, ó pai, inquieta estou!...
Está na porta o sangue que Deus ordenou?

— Calma, sossega, ó filha, que, logo à tardinha,
foi morto do rebanho o cordeiro melhor,
e em purificadora chama foi assado;
com pão sem levadura e ervas de amargor
comemo-lo com pressa, como nos foi dito.
Nem esquecemos o sinal a te salvar;
morto o cordeiro, logo dei a ordem
de o sangue nos umbrais da porta salpicar.
Sossega, minha filha, o anjo vingador,
vendo o sinal, te poupará có amor.

Assim, naquela escura noite
em que no Egipto o anjo ia passar
a fim de destruir os primogénitos,
sem mesmo os do rebanho, inocentes, poupar,
um pai hebreu buscava acalmar a filhinha.
Ansioso, entretanto, está ele também,
enquanto, bem cingido, os pés calçados,
cajado em mão, aguarda a hora que aí vem,
em que o potente braço do Senhor
vai libertar Seu povo do opressor.

Avança a noite e, novamente,
a suplicante voz se fez ouvir:
— Meu pai, não durmo, não! Ante meus olhos
vejo o anjo destruidor à porta vir
e triste se deter, para entrar relutante,
mas não ousando ir sem cumprir o dever.
Ó pai, se o sangue acaso foi tirado,
se o servo vos deixou de obedecer,
então meus olhos não verão jamais
a prometida Canaã de nossos pais!

— Sossega, filha! mui fiel é nosso servo.
Não só da porta nos umbrais.
também na verga o sangue ele devia pôr;
de modo que, se um cão dos lados o lambesse,
ainda um deles resta em cima por penhor.
Acalma-te, e adormece, meu anjinho,
que longo e meu será nosso caminho.

A ansiosa voz emudeceu, que ali reinava
suprema a obediência, embora então
a lei não fôsse ainda proclamada;
com paciência quis conter o coração
e sossegar em doce sono;
adormeceu enfim, mas sonhos de temor
faziam-na agitada, a gemer, num tremor.

Vem perto a meia-noite; tudo inda é silêncio.
A criança despertou, gritando para o pai:
— Julguei ouvir o galo anunciando
que amanhecer o dia presto vai.
Bate-me o coração em pavorosa angústia
do próximo perigo. À porta me levai,
eu quero ver o sangue ali, meu pai!

O hebreu toma uma tocha e, docemente,
a filha nos seus braços leva à porta a ver,
e então descobre, trânsido de susto,
nenhum sinal de sangue nos portais haver.
Tremendo, sua mão apanha o hissopo,
pondo ele mesmo, ansioso, o salvador sinal.
Suspira fundo a criança, num alívio
é, no leito outra vez, adormece afinal,
em tão profundo sono, que nem mesmo
quando se ergueu mais tarde o tão cruel clamor,
tanto dos brutos como dos humanos,
ela acordou. E foi levada assim, com amor,
quando partiram, bem de manhãzinha,
deixando atrás a tirania que os retinha.

Sim, Cristo, nossa Páscoa, à cruz foi morto,
por nós, abrindo-nos um porto...
O sangue da aspensão foi derramado
para remir dos homens o pecado.
Acaso o aplicámos já à nossa vida,
assegurando assim a Terra Prometida?

—Autor desconhecido.

O Plano da Redenção

pela Irmã White

A queda do homem encheu de tristeza todo o céu. O mundo que Deus criara estava deslustrado pela maldição do pecado e habitado por seres condenados à miséria e à morte. Não parecia haver meio pelo qual pudessem escapar os que tinham transgredido a Lei. Os anjos cessaram os seus cânticos de louvor. Por toda a corte celestial, havia pranto, pela ruína que o pecado ocasionara.

O Filho de Deus, o glorioso Comandante do Céu, sentiu-se tocado de piedade pela raça decaída. O seu coração moveu-se por infinita compaixão, quando perante Ele se ergueram os ais do mundo perdido. Entretanto, o amor divino concebera um plano, pelo qual o homem poderia ser remido. A Lei de Deus, quebrantada, exigia a vida do pecador. Em todo o Universo, não havia senão um Ser que, em favor do homem, poderia satisfazer as suas exigências. Visto que a Lei divina é tão sagrada como o próprio Deus, unicamente, um Ser igual a Deus poderia expiar a sua transgressão. Ninguém, a não ser Jesus poderia remir da maldição da lei, o homem decaído, pondo-o, novamente, de harmonia com o céu. Jesus tomará sobre Si a culpa e a ignomínia do pecado — pecado tão ofensivo para um Deus santo, que separaria entre si o Pai e o Filho. Jesus desceria às profundidades da miséria para libertar a raça que fora arruinada.

O plano, pelo qual, unicamente, poderia conseguir-se a salvação do homem, abrangia o céu todo em seu infinito sacrifício. Os anjos não puderam regozijar-se, quando Jesus lhes desvendou o plano da redenção; viram, efectivamente, que a salvação do homem custaria a indizível mágoa do seu amado comandante. Com pesar e admiração escutaram as suas palavras, quando lhes contou como teria de baixar da pureza e paz do céu, da sua alegria, glória e vida imortal, para entrar em contacto com a degradação

da Terra, para suportar as suas tristezas, ignomínias e morte. Jesus deveria ficar entre o pecador e a ira de Deus. Deixaria a sua elevada posição, como a Majestade do céu, apareceria na Terra e humilhar-se-ia como um homem e, pela sua própria experiência, familiarizar-se-ia com as tristezas e tentações que o homem teria de arrostar. Tudo isso seria necessário para que pudesse socorrer os que fossem tentados. Terminada a sua missão como ensinador, seria entregue nas mãos de homens ímpios, e submetido a todos os insultos e torturas que Satanás os pudesse inspirar e infligir. Devia morrer com a mais cruel das mortes, suspenso entre o céu e a Terra, qual pecador criminoso. Teria de passar longas horas de agonia tão terrível, que os anjos não suportariam a contemplação de uma tal cena, velando, por isso, o rosto. Suportaria angústia de alma, a ocultação do rosto do Pai, enquanto a culpa da transgressão — o peso dos pecados do mundo inteiro — estariam sobre Ele.

Os anjos prostraram-se aos pés do seu Comandante, oferecendo-se como sacrifício pelo homem. Mas a vida de um anjo não poderia pagar a dívida. Apenas Aquele que criara o homem tinha poder para o redimir. Contudo, os anjos teriam uma parte a desempenhar no plano da redenção. Jesus havia de fazer-se «um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte». (Hebreus 2:9). Tomando Ele sobre si a natureza humana, a sua força não seria igual à deles, e por isso, deveriam ajudá-l'O, fortalecê-l'O nos seus sofrimentos e mitigá-los. Deviam, também, ser «espíritos ministradores», enviados para ministrar em favor dos que seriam herdeiros da salvação. (Hebreus 1:14). Guardariam os subditos da graça, do poder dos anjos maus e das trevas arremessadas constantemente em redor deles por Satanás.

Jesus assegurou aos anjos que pela

sua morte resgataria a muitos, e destruiria aquele que tinha o poder da morte.

Recuperaria o reino que o homem perdera pela transgressão, e os remidos o herdariam com Ele, onde habitariam para sempre. Tanto o pecado como os pecadores seriam extintos, para nunca mais perturbarem a paz do céu ou da terra. E, assim, determinou que o exército angélico concordasse com o plano que seu Pai aceitara, e se alegra esse de que, pela sua morte, o homem decaído pudesse reconciliar-se com Deus.

Então, uma grande alegria, alegria inexprimível, encheu o céu. A glória e a bem-aventurança de um mundo remido sobrepujaram mesmo a angústia e o sacrifício do Príncipe da vida. Pelos paços celestiais ecoaram os primeiros acordes daquele cântico que deveria soar por sobre as colinas de Belém: «Glória a Deus nas alturas, paz na Terra, boa vontade para com os homens.» (Lucas 2: 14). Com mais intensa alegria então do que no enlevo da criação «as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam». (Job. 38:7).

Pela sua vida e morte Jesus operou ainda mais do que a restauração produzida pelo pecado. Era o intuito de Satanás causar entre o homem e Deus uma eterna separação; em Jesus, porém, chegamos a ficar numa mais íntima união com Ele do que se nunca houvéssemos pecado. Quando tomou a nossa natureza, o Salvador ligou-se à humanidade por um laço que jamais se partirá. Estar-nos-á ligado por toda a eternidade. «Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho Unigénito.» (João 3:16). Não O deu somente para levar os nossos pecados e morrer em sacrifício por nós; deu-O à raça caída. Para nos assegurar o Seu imutável concerto de paz, Deus deu o Seu Filho Unigénito a fim de que se tornasse membro da família humana, retendo para sempre a sua natureza humana. É esse o penhor de que Deus cumprirá a sua Palavra. Deus adoptou a natureza humana na pessoa do Seu Filho, levando a mesma natureza para o céu. Aquele que é santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, não se envergonha de nos chamar

«irmãos». Em Jesus acham-se ligadas as famílias da Terra e do Céu. Jesus glorificado é nosso irmão. O céu acha-se abrigado na humanidade, e esta envolvida no seio do Infinito Amor.

«E, se Cristo não ressuscitou!...

Continuação da pág. 2

que, uma vez que mergulhássemos no sono da morte, nunca mais despertáramos, porque nem mesmo Jesus teria despertado.

«Mas agora Cristo ressuscitou dos mortos e foi feito as primícias dos que dormem». (I Cor. 15:20).

Aqui temos a nossa grande esperança, essa bem-aventurada esperança, que culminará na Vinda gloriosa do Salvador.

Sabemos que Jesus virá buscar-nos, porque sabemos que ressuscitou da morte, saindo vencedor do sepulcro, onde baixara, para nos dar a vida.

Aleluia! Aleluia! O Senhor ressuscitou verdadeiramente.

Jesus, a nossa páscoa, que deu a sua vida por nós, comprou-nos com o seu precioso sangue a herança divina que o Pai nos concederá, pelos merecimentos de Jesus.

E, agora, resta-nos aguardar o cumprimento da sublime e inefável promessa que o Salvador nos fez de que «virá buscar-nos».

Ressuscitou, verdadeiramente, como dissera. Virá, verdadeiramente, como prometeu.

E bem sabemos que a promessa não tarda a realizar-se, porque o Senhor Jesus já está mesmo às portas.

«Ora vem, Senhor Jesus».

Visado pela Censura

A FÉ

Introdução — Não é possível permanecer neutro perante a revelação divina: ou se aceita ou se rejeita. A sua aceitação, com tudo quanto comporta, é um acto de fé, de que depende a nossa salvação. É, portanto, indispensável que saibamos, exactamente, em que consiste a fé.

É necessário, em primeiro lugar, não confundir, de modo nenhum, a fé com a superstição, que não é senão um sentimento religioso degenerado, que se manifesta pela crença na eficácia mágica de certas práticas, e na incidência sobre a vida de certos sinais que consistem, a maior parte das vezes, em acontecimentos fortuitos.

O Catecismo do Concílio de Trento declara (pág. 12): «A palavra Fé, nas Sagradas Escrituras tem vários significados».

Os textos bíblicos referindo-se à fé, com efeito, são tão numerosos e tão ricos de finas nuances que é difícil tirar deles conclusões dogmáticas, claras e exaustivas.

I — *A doutrina e a fé* — A palavra fé pode apresentar o sentido de doutrina como nos textos seguintes: «... e em Jerusalém se multiplicava muito o número dos discípulos, e grande parte dos sacerdotes obedecia à fé». (*Actos 6:7*). «... recebemos a graça e o apostolado, para a obediência da fé, entre todas as gentes pelo nome». (*Romanos 1:5*). «... façamos bem a todos mas principalmente aos domésticos da fé aos que partilham a nossa fé». (*Gálatas 6: 10*). Veja-se também: *Efés. 4:5, 13*).

O nome de fé estende-se, também, à doutrina, objecto da crença. Portanto, a aceitação de um credo pode manifestar-se independentemente da fé, até em contradição com ela, como o prova esta declaração do apóstolo Tiago: «Tu crês que há um só Deus: fazes bem. Também os demónios o crêem e estremecem». (*Tiago 2:19*).

II — *A confiança e a fé*. — Um outro elemento importante da fé, de que parece depender a sua eficácia, é a confiança. Jesus declarou: «... se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá — e há-de passar; e nada vos será impossível». (*S. Mateus 17:20*).

O apóstolo Tiago convida aquele que ora a fazê-lo com confiança, sob pena do seu pedido ser em vão: «Peça-a, porém, com fé, não duvidando; porque o que duvida é semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento, e lançada de uma parte para outra parte.

Não pense tal homem que receberá do Senhor alguma coisa.

O homem de coração dobre é inconstante em todos os seus caminhos». (*S. Tiago 1:6-8*).

Esta confiança apresenta, de uma pessoa para outra, níveis variáveis.

O Catecismo do Concílio de Trento (págs. 12 e 13) declara a este propósito: «Mas se a Fé admite graus diversos em extensão e em excelência, como parece nestes passos da Sagrada Escritura: 'Homem de pouca Fé, porque duvidaste?' (*Mat. 14:31*) — 'A vossa Fé é grande'. (*Mat. 15:28*) — 'Aumentai em nós a Fé.' (*Lucas 17:5*) — 'Assim também a Fé, se não tiver obras, é morta em si mesma». (*Tiago 2:17*). '... a fé que opera por caridade'. (*Gálatas 5:6*). — ela não reconhece nenhuma diversidade de espécies, e a definição convém perfeitamente a todos os graus que possa ter».

A fé não poderia existir sem a confiança, porque, como afirma o autor da epístola aos Hebreus (11:1) «Ora a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem».

III — *A fé e a fidelidade* — Talvez nunca se tenha notado que a fidelidade para com Deus é parte integrante da fé, embora a etimologia já o dê a en-

Continua na pág. 8

Um Lugar de Destaque para a Escola Sabatina

por A. Casaca

Não há dúvida de que uma das mais eficazes instituições da Igreja é a Escola Sabatina, porquanto nos proporciona o meio de podermos estudar, de maneira prática, simples, atraente e eficaz a Sagrada Escritura.

«O valor do Sábado como meio educativo, está além de toda a apreciação. O que quer que, das nossas posses, Deus exija de nós, Ele devolve enriquecido, transfigurado e com a sua própria glória». (Educação, pág. 250).

Ora, é precisamente, aproveitando as grandes e sublimes lições que Deus nos dá, através do seu santo Dia, que a ESCOLA SABATINA vem reforçar, ainda mais com as suas Lições, os preciosos ensinamentos que o Senhor nos tem reservado.

«Como um meio de ensino intelectual — prossegue o Espírito de Profecia — as oportunidades do Sábado são incalculáveis. Que se aprenda a Lição da Escola Sabatina, não olhando rapidamente para o texto da mesma, no Sábado de manhã, mas estudando cuidadosamente para a semana próxima, no Sábado à tarde, como recapitulação ou ilustração diária, durante a semana.

Assim, a lição fixar-se-á na memória, como um tesouro que jamais se perderá completamente». (Educação, pág. 251).

Ensina-nos o Espírito de Profecia que «O estudo da Bíblia é superior a todos os outros para robustecer a inteligência». (Review and Herald, 11 de Janeiro de 1881).

Sendo assim, compreende-se, facilmente, como é incalculável o valor da ESCOLA SABATINA, pois destina-se, precisamente, a facilitar-nos o estudo da Sagrada Escritura.

A Palavra de Deus é atraente e pode satisfazer os anseios de todas as espécies de leitores. Desde o mais humilde ao mais letrado; desde o mais simples ao mais exigente — todos encontram

na Palavra de Deus o repasto intelectual e espiritual de que necessitam. Ali encontramos páginas da mais sublime literatura, de elevado e dedicado lirismo, assim como problemas de história, ciências, astronomia e filosofia.

Por isso, com toda a razão diz o Espírito de Profecia: «Abri a Bíblia à nossa juventude, atraí-lhes a atenção para os seus tesouros ocultos, ensinai-os a pesquisar em busca das suas jóias de verdades, e não-de adquirir um vigor intelectual que o estudo de tudo quanto a filosofia abrange não poderia comunicar. Os grandes temas de que trata a Bíblia, a digna simplicidade das suas inspiradas declarações, os assuntos elevados que apresenta à mente, a luz penetrante e clara, procedente do trono de Deus, iluminando o entendimento não-de desenvolver-lhe as faculdades da mente a um ponto que mal pode ser compreendido, e nunca plenamente explicado.

A Bíblia apresenta à imaginação um ilimitado campo, tanto mais elevado e enobrecedor no carácter do que as superficiais criações da inteligência não santificada, quanto o céu está mais alto do que a terra. A inspirada história da nossa raça é colocada nas mãos de cada indivíduo. Todos podem começar agora a sua investigação. Podem-se relacionar com os nossos primeiros pais, como se encontravam no Éden, em santa inocência, fruindo da comunhão com Deus e com os anjos, sem pecado. Podem seguir os passos da introdução do pecado e as suas consequências sobre a raça, e seguir, passo a passo, o trilho da sagrada história, na sua narração da desobediência e impenitência do homem e a justa retribuição do pecado». *Mensagens aos Jovens*, pág. 252).

Mediante o estudo sistemático das Lições da Escola Sabatina é-nos pos-

sível adquirir um vastíssimo conhecimento da Palavra de Deus. Importa, porém, estudar todos os dias, para que as verdades eternas vão entrando no subconsciente e aí se possam relacionar devidamente, entrelaçando-se de modo a poderem evocar-se no momento oportuno e necessário.

Pena é que nem todos os nossos membros tenham a plena consciência do valor e importância da Escola Sabatina. Em todas as Igrejas, cada membro cada visita, cada simpatizante devia ser um membro da Escola Sabatina, estando sempre a tempo e a horas, desde o cantar do hino de abertura.

Só no reino celestial é que poderemos compreender o valor incalculável da Escola Sabatina, assim como tudo aquilo de que lhe somos devedores.

A Bíblia é o maior Mestre

«Que assuntos são apresentados nas Sagradas Escrituras à meditação do nosso espírito! Onde se poderão encontrar mais elevados temas para contemplação? Onde encontrar matéria tão intensamente interessante? Em que sentido são todas as pesquisas da ciência humana comparáveis, em sublimidade e mistério, com a ciência da Bíblia?...

«A exposição das tuas palavras dá luz, dá entendimento aos simples»... Chega até nós, hoje, com a mesma força que ao ser dirigido aos primeiros discípulos, há dezanove séculos atrás, o mandamento de Cristo: 'Examinai as Escrituras, pois julgais ter nelas a vida eterna, e elas mesmas são as que dão testemunho de mim'. (*Review and Herald*, 11 de Janeiro de 1881).

Perante tão grandes evidências só nos resta esforçarmo-nos por conseguir que todos quantos frequentam as nossas igrejas se tornem membros fiéis e zelosos da Escola Sabatina, de modo que todos possamos usufruir dos indizíveis benefícios que ela proporciona aos seus membros. Sabemos, pela fé, que «desde um Sábado até ao outro, irá toda a carne a adorar o Senhor», — o que será uma verdadeira recordação da Escola Sabatina que aqui frequentamos, durante a nossa vida terrena.

Que o Senhor nos ajude a sermos membros assíduos e aplicados da Escola Sabatina, para assim nos habituarmos desde já a adorar o Senhor, na Pátria eterna, de Sábado após Sábado.

A FÉ

Continuação da pág. 6

tender. As duas palavras fé e fidelidade derivam do latim *fides* que significa *confiança, crença*.

Pode pensar-se que esta noção de fidelidade se subentende na declaração seguinte do Catecismo do Concílio de Trento (pág. 12): «Aqui tomamos a palavra Fé por aquela virtude pela qual damos um assentimento pleno e inteiro às verdades reveladas de Deus».

Em todo o caso, em numerosos passos da Sagrada Escritura, a palavra fé — *émounah* em hebraico, *pistiss*, em grego — é traduzida nas nossas versões, por fidelidade, e por fiel.

Eis alguns exemplos: «... a fidelidade de Deus» (Rom. 3:3); «mostrando toda a boa lealdade (fidelidade)». (Tito 2:10).

Conclusão. — «Ninguém pode racionalmente duvidar que esta Fé, é impossível agradar a Deus» (Hebr. 11:6) — Catecismo do Concílio de Trento, pág. 12.

A importante verdade acima mencionada é fortemente sublinhada na Sagrada Escritura, como o provam os seguintes textos: «Porque pela graça sois salvos, por meio da fé». (Efésios 2:8); «Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes e nos gloriemos na esperança da glória de Deus». (Romanos 5:1-2).

Só a fé que possui as características que a acabamos de recolher da Sagrada Escritura é que nos pode salvar. Convém, portanto, que sigamos o exemplo do apóstolo: «Examinai-vos a vós mesmos, se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos. Ou não sabeis quanto a vós mesmos, que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados. (II Cor. 13:5).

R. D.

O Triunfo da Mentira?...

Num salmo de David podemos ler estas amargas palavras que descrevem o estado desolador da sociedade na qual viveu o poeta-rei da nação hebraica: «...são poucos os fiéis entre os filhos dos homens; cada um fala com falsidade ao seu próximo; falam com lábios lisongeiros e coração dobrado». (Salmo 12:2, 3).

Julgam que o estado da nossa sociedade é melhor, hoje? Se considerarmos os vários aspectos das relações humanas no século presente, temos de concluir que a acurada observação do poeta de Israel acerca dos costumes do seu tempo, ainda é válida para os nossos dias. A mentira e o engano, sob mil formas diversas, constituem um ingrediente necessário na vida moderna, um fio omnipresente na trama da sociedade contemporânea. A mentira ocupa o lugar da verdade todas as vezes que esta última pode prejudicar os interesses pessoais, e usa-se, invariavelmente como um lícito expediente profissional, quando permite realmente realizar notáveis ou mesmo mesquinhos proveitos materiais.

É que em geral, só vemos a mentira quanto ela aparece grosseira e evidente. Mas não mente, apenas, o malfeitor que no tribunal nega obstinadamente a verdade clara que o condena, ou o impostor desmascarado, que devido a interesses pessoais desonestos conta histórias inventadas, sem pés nem cabeça. Também um comerciante que falsifica um produto que vai vender, ou o marido infiel que ostenta um grande afecto pela esposa, ou o jornalista que ao relatar os acontecimentos os modifica completamente — todos eles são igualmente impostores. E até a propaganda, muitas vezes é um ultraje à verdade.

Quem não sabe que no comércio, por exemplo, uma das regras para o lucro consiste, precisamente, na mentira, na fraude? Quantas vezes não te-

mos ouvido dizer que o comerciante que for honesto cem por cento acaba na falência? É certo que ainda há comerciantes honrados que se contentam com os lucros modestos que resultam da verdade e da honestidade; mas, infelizmente, são raros.

Uma actividade intimamente ligada ao comércio e que vive do comércio é, como se sabe, a publicidade, aquela coisa aborrecida e insuportável que não nos dá tréguas, nem mesmo quando estamos na intimidade do lar. Na publicidade moderna, a mentira muitas vezes torna-se uma arte refinada e até uma indústria rendosa. Pensemos, por exemplo naqueles «slogan» que exageram descaradamente o valor de certos produtos.

Há vinte e seis séculos, um ardente defensor da Verdade que muito teve que sofrer por causa da sua inabalável fidelidade à missão para que tinha sido chamado pelo Altíssimo, pôs em guarda os seus concidadãos contra muitos embustes. Eis as palavras textuais daquele profeta como se podem ler no seu livro: «Porque assim diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Não vos enganem os vossos profetas, que então no meio de vós, nem os vossos adivinhos, nem deis ouvidos aos vossos sonhos, que sonhais». (Jeremias 29:8).

Do resto do livro compreende-se que os Judeus daqueles tempos eram muito mais inclinados a ouvir os falsos profetas que os mensageiros de Deus.

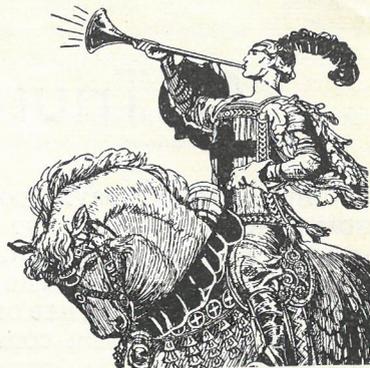
Parece que a mentira triunfa em todas as manifestações da vida humana até mesmo naquelas que deveriam estar mais ligadas com a verdade, como por exemplo, no sentimento religioso. Quanto formalístico fervor religioso se não ostenta nos nossos jornais! E quantos erros, e quantas lendas se não ensinam às massas ignorantes da Sagrada Escritura, em nome do Cristia-

Continua na pág. 11

Página

da

Juventude



A Angústia de ser Jovem

Talvez este título desperte a atenção. Existe, realmente, uma angústia em ser jovem? Traz a idade juvenil uma angústia própria, específica?

Sim, existe, aninhada no coração de cada jovem, mais ou menos conscientemente, mas quase sempre existe. Essa sensação de opressão, de temor de alguma coisa não muito bem definida, essa depressão mental que angustia toda a personalidade, essa sensação de angústia, experimenta-a, em maior ou menor intensidade, a maioria dos jovens.

Certo jovem sente a nostalgia de não ser adulto. Experimenta a dor psíquica de não se sentir ainda realizado. De saber que seu eu ainda não conseguiu desenvolver todo o complexo das suas múltiplas facetas. Não, ainda não é adulto. Nem a sociedade, nem seus pais, o consideram como tal. É... apenas um jovem.

Não obstante, ele ou ela, gostariam de desfrutar de todos os assim chamados «privilégios» do adulto. Principalmente o da independência. Pressentem a parte agradável que acompanha a independência, mas desconhecem as partes difíceis da luta pelo pão de cada dia. Desconhecem essa outra angústia daquele que já não terá tantas oportunidades de adquirir conhecimentos, preparo, e deve utilizar prontamente o pouco ou muito que aprendeu.

Pensam nas longas asas que a independência proporciona, mas esquecem

-se da responsabilidade que significa ter que andar com elas, às vezes contra o vento e a maré; e ter, inclusivé, que invejar a outros, talvez.

O jovem que se lamenta por não ser adulto, não experimentou ainda a alegria dos seus anos, nem conheceu o porquê de seus fracassos. Não sabe que basta a cada dia o seu afã. Queixa-se da sua «pouca sorte,» da sua «má estrela.» Acumula tristeza sobre tristeza no coração. Adquire uma espécie de repulsão para com uma sociedade que julga cruel... pelo simples facto de que não pode ser adulto.

A pior coisa que poderá acontecer a um moço ou a uma moça é que nunca passem de tais. Que permaneçam estacionados em sua juventude irrealizada; que passem os anos, e continuem tendo corpo e mente de criança. Isto é, que tenham atingido a maturidade física, e permaneçam imaturos intelectual e emocionalmente.

O preparo para a vida adulta não requer apenas desejos e ideais; sugere também conhecimentos e habilidades. O adulto não o é tanto pelos anos que conta, como pela experiência. A idade adulta é fruto de diversos factores que dão como resultado um homem ou uma mulher de visão clara, critério equilibrado e firme vontade.

O jovem que sentir a angústia de não ser adulto, deve também sentir a

responsabilidade de libertar-se dessa sensação.

Cada qual deve estudar a tendência natural que possui para este ou aquele trabalho ou profissão, e tornar essa predisposição um hábito. O adulto adquiriu já a habilidade; o jovem conta apenas com a possibilidade de sua juventude e de suas tendências vitais. Desenvolver essas tendências, repetir ao actos de aprendizagem, caso se trate de um ofício, ou dilatar as horas de estudo, no caso de uma carreira, eis o que fortalecerá essas tendências, e as transformará em capacidade habitual, que é sinónimo de habilidade.

O adulto não só deve possuir muitos conhecimentos, mas precisa aprofundá-los. O bom professor não só conhece as leis da pedagogia para tratar com os seus alunos, mas também as que deve aplicar no trato com *cada* aluno. O bom mecânico não só conhece a *sua* máquina, mas conhece também cada peça dela, e minuciosamente.

Sentir desejo de ser um bom mecânico ou um bom professor e não lançar mão de tudo o que está ao alcance para consegui-lo, e isso desde a juventude, é expor-se a ser mau mecânico e ainda pior professor. Isto é, é expor-se à imaturidade intelectual e profissional.

O empenho por independência pressupõe a responsabilidade da solidão. O escritor que plagia outro já não tem independência. O médico que continuamente necessita de consultar outros colegas, já perdeu a sua independência. Ainda é jovem, é imaturo profissionalmente, embora seus anos sejam muitos. Não se desenvolveu. Fracassou. É como a árvore de grosso tronco que tem apenas uns poucos e raquíticos ramos.

E. V.

O Triunfo da Mentira...?

Continuação da pág. 9

nismo! No campo da religião, mais do que em qualquer outro, o engano apre-

senta-se revestido de uma tal subtileza e de um tal pode sedutor, que é difícil individualizá-lo e fugir-lhe, se não se possuir um bom conhecimento da Verdade revelada na Sagrada Escritura.

Nas páginas do Novo Testamento encontramos frequentes advertências contra os enganos dos emissários do inferno que Jesus comparou a lobos disfarçados de ovelhas. O mesmo Salvador põe-nos em guarda, com estas palavras, contra os enganos satânicos: «Então, se alguém vos disser: Eis que o Cristo está aqui ou ali, não lhe deis crédito, porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos». (S. Mateus 24:23, 24).

S. Paulo, por seu lado, divinamente inspirado, adverte a Igreja de que «nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demónios, pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência». (I Timóteo 4:1, 2). Numa outra carta, o mesmo apóstolo salienta esta advertência: «Ora, irmãos, rogamos-vos, pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e pela nossa reunião com Ele, que não vos moveis facilmente do vosso entendimento... Ninguém de maneira alguma vos engane, porque não será assim, sem que antes venha a apostasia e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, querendo parecer Deus...»

Esse, cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira, e com todo o engano da injustiça para os que perecem, porque não receberam o amor da verdade para se salvarem». (II Tesalonicenses 2:1-4 9, 10).

F. C.

«Dai-lhes vós de comer»

Por E. de Oliveira

O MESTRE da Galiléia, em Seu fecundo e laborioso ministério, foi surpreendido por uma grande multidão que, expectante e nervosa, se reunira para ouvir os Seus penetrantes e impressivos ensinamentos. Era uma multidão espiritualmente insatisfeita. O tradicionalismo vazio e a liturgia formal, tão correntes nos dias de Cristo, não mais satisfiziam os anelos da alma.

Compreendendo isto o Verbo divino procurava, em todas as oportunidades, comunicar àquelas almas insatisfeitas uma alentadora mensagem de fé e esperança.

Surpreendido por uma inquieta multidão, lá nas cercanias do mar da Galiléia, enternecido com a sombria condição espiritual daquela gente, sem detenções começou a ensina-la. E as palavras que abundantemente fluíam de Seus lábios eram ouvidas sofregamente pela multidão que ali se aglomerava.

Contraste de Atitudes

De acordo com o relato sagrado, durante um dia inteiro o Mestre transmitiu aos ouvidos atentos os sublimes e excelsos ensinamentos evangélicos. E ao cair da tarde, quando noite descia sobre a terra, os discípulos mostravam-se inquietos e preocupados. Estavam eles numa encosta solitária, longe de recursos; a multidão era mais numerosa do que uma legião romana. Como, pois poderiam alimentar tanta gente! Perturbados disseram a Cristo: «Despede-os para que vão aos lugares e aldeias circunvisinhas e comprem pão para si.»

É paradoxal o comportamento dos discípulos em face da atitude de Jesus. Absorto em Seu labor nada preocupava a Cristo senão a fome espiritual daquelas desorientadas criaturas que, qual ovelhas sem pastor, careciam de alguém que as levasse às pastagens verdejantes da fé e às águas vivificantes do evangelho. Os discípulos, entretanto, perturbados e aflitos, preocupavam-se unicamente com as necessidades físicas, em detrimento das necessidades espirituais.

É evidente em nossos dias, tão caracterizados pelo utilitarismo, a preocupação absorvente de muitos pelo pão material, em prejuízo do imprecável Pão que nutre e revigora a alma.

Mas Jesus, qual pastor desvelado, embora preocupado com a situação espiritual do Seu rebanho, não revelou indiferença em face das necessidades físicas daquelas ovelhas ali reunidas.

A Significativa Resposta de Jesus

A resposta de Cristo aos discípulos foi verdadeiramente desconcertante: «Não precisam ir; dai-lhes vós de comer». Filipe, perturbado, revela o seu assombro, dizendo: «Duzentos denários de pão não lhes bastam, para que cada um

coma um pouco. Nós não temos mais do que 5 pães e 2 peixes. Mas que é isto?»

Dir-se-ia que naquele lugar tão êrmo, desprovido de recursos e sem alimento suficiente, a solução mais consentânea seria aquela apresentada pelos discípulos: a dispersão daquele povo tão numeroso. Mas em contraste com este plano estava a inconcebível ordem de Jesus: «Dai-lhes vós de comer». Sim, para os discípulos era inconcebível a ordem de Cristo, pois consoante o relatório sagrado tinham tão somente cinco pães e dois peixes. Mas Aquele que, no princípio, tirara das trevas a luz do caos o cosmos, poderia também multiplicar surpreendentemente tão escassa provisão, para satisfazer às necessidades daquela heterogênea multidão.

Com efeito, o milagre foi realizado. O mesmo Senhor que sustentou com maná o povo de Israel, no deserto, supriu miraculosamente as necessidades dos cinco mil homens ali reunidos.

Encontramos este memorável feito registado nos quatro evangelhos. É este o único milagre realizado por Jesus, relatado pelos quatro evangelistas. E em todas as narrativas se destaca a significativa ordem de Jesus: «Dai-lhes vós de comer».

Milhões Condenados pela Inanição

Não ignoramos nós que, no mundo contemporâneo, enormes massas humanas se encontram envolvidas dentro do círculo de ferro da fome». Para Daniel-Rops, nos dias actuais, «350 milhões de homens estão ameaçados pela fome». Esta realidade tão brutal e comovedora deve encher de tristeza e pesar o nosso coração.

Porém, de efeito mais dantesco e de consequências mais pungentes é a fome espiritual vaticinada de modo impressionante pelo profeta Amós: «Eis que vêm dias, diz o Senhor Jeová, em que enviarei fome sobre a Terra, não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir a Palavra do Senhor». Amós 8:11.

Assistimos em nossos dias ao cumprimento parcial desta profecia. Multidões aflitas estão enlanguescendo na mais dolorosa inanição espiritual. E num tempo como este as palavras divinas ressoam com um significado novo e profundo: «Dai-lhes vós de comer».

Milhões estão sucumbindo à míngua do alimento necessário para suprir as necessidades da alma. Mas, nós que recebemos o Pão da vida, temos o dever de, à semelhança dos discípulos, partilhar este alimento celestial com os famintos, os que definham sem Deus e sem esperança no mundo.

Que estamos nós a fazer? A voz suave de Jesus se faz ouvir agora com extraordinária ressonância: «Dai-lhes vós de comer.»

FRUTICULTURA

por José de Sá

Geralmente as pessoas, e mesmo os animais, procuram aquilo de que mais gostam, e por procura, neste caso, compreende-se o esforço por obter ou produzir. As plantas e as flores necessitam da luz do Sol para poderem viver, e por isso para ele se voltam. Planta-se um planta de porte pequeno debaixo de uma de porte maior; a mais pequena inclina-se para fora do centro da maior para melhor receber a luz e energia solar, indispensável ao seu normal desenvolvimento.

Estranho, não é? Mas é assim mesmo. Isto é a natureza esforçando-se por tirar todas as vantagens dos elementos que lhe são necessários. A natureza, sim, menos o homem. Este procura obedecer à lei do menor esforço, isto é, procura obter o máximo com o menor dispendio de energia ou actividade. Isto é o que acontece com muitos quanto à cultura de árvores de fruto. Ensinar-lhes os antigos que quem plantar uma árvore morre antes de esta começar a dar fruto, e difícil é convencê-los do contrário. Felizmente que já algumas tribos se convenceram e outras se estão convencendo de que essa tradição é uma mentira, e já os vemos plantar árvores frutíferas sem receio de morrerem.

Há certos povos que não apreciam o milho, nunca foram habituados ao seu consumo. Outros não usam mandioca. Especialmente entre os europeus a mandioca é pouco usada como alimento. Outros há ainda que não usam este ou aquele alimento pela mesma razão: não foram habituados ou os seus antepassados os não usaram.

Caso único: todos os povos, não interessa em que parte do mundo vivem, gostam de fruta. Crianças, adultos e velhos, homens e mulheres, africanos e

europeus, não há quem não goste de fruta.

Possuidores que sejam de um palmo de terra, todos querem logo plantar uma árvore de fruto. Claro que escolhem aquela que melhor se dá no clima em que pretendem plantá-la. Todos não! Há uma excepção. Os angolanos, e não sei se a maior parte dos africanos, não costumam dedicar-se à fruticultura, salvo aqueles que já plantam para consumo próprio e mesmo para venda. Sim, regra geral, é lamentável que a fruticultura ainda não tenha ganho o coração do nosso povo em Angola.

Voltando de novo à Bíblia, e logo no princípio, lemos que ao criar Deus o homem lhe deu como alimento cereais e frutas. «E disse Deus: Eis que vos tenho dado toda a erva que dá semente, que está sobre a face de toda a terra; e toda a árvore, em que há fruto de árvore que dá semente, ser-vos-á para mantimento». Gén. 1:29. Cereais e frutas foram dados por Deus para alimentação do homem no Jardim do Eden. Alimentação absolutamente sadia e suficiente, quando bem combinada e usada integralmente, reconstituente e vigorizante era esta. Depois da entrada do pecado, foram adicionadas as hortaliças». ... E comerás a erva do campo». Gén. 3:18. Estes três alimentos — cereais, frutas e hortaliças — são-nos ainda hoje amplamente fornecidos pela terra. É necessário, porém, atenção: «No suor do teu rosto comerás o teu pão». Vers. 19. O que equivale a dizer que a terra nos dará tudo quanto é necessário à nossa vida, mas que é absolutamente indispensável esforço da nossa parte na preparação da terra e na cultura das plantas e árvores.

É verdade que nem todas as frutas

se podem cultivar em todos os climas, mas é certo também que em todos os lugares e climas se podem cultivar determinadas espécies. Há frutos próprios das zonas frias, das zonas temperadas e das zonas quentes. E plantas há que se adaptam a uns e outros climas.

Algumas frutas próprias ou adaptáveis a Angola

Com algumas exceções, quase todas as espécies produzem na nossa terra, uma vez que temos os três tipos de clima, com exceção do muito frio. Há também espécies que só produzem bem no litoral, e outras no interior e em regiões acima do nível do mar.

Na zona planáltica podemos cultivar certas variedades, tais como: citrinas (laranjas, limões, tangerinas e toranjas), maçãs, abacates, anonas, nêspers, algumas qualidades de bananas, certas qualidades de peras, mangas, mamões, goiabas, maracujas e outras.

Graças a Deus há muita terra e os angolanos têm liberdade para trabalhar quanta desejarem. Todas as famílias têm geralmente a sua naca e lavra. Ora todos deviam igualmente plantar algumas árvores de fruto, escolhendo, claro, as espécies que melhor se dão na região. A falta de água não é razão para não plantar mangueiras, mamoeiros, nespereiras e outras que, uma vez crescidas, vivem só com a água que recebem directamente da chuva. Basta cuidar delas quando são ainda paquenas. Além disso, umas cinco ou dez árvores junto de casa podem receber alguma água sem trabalho extra. Basta para isso ter o cuidado de usar a água da lavagem da cara, dos pés e da loiça, se não tiver muito sabão. Um dia numa árvore, outro dia noutra, de modo que, pelo menos uma vez por semana, cada árvore receba um pouco.

Sim, sem muito esforço todos podem e devem cultivar algumas árvores de fruto. E que benefício para a saúde da família, que alegria para os filhos e que prazer para todos em casa poderem ver a fruta e comê-la, sabendo que é mes-

mo deles, produzida por suas próprias árvores! Ainda nisto é certo o que disse Jesus: «Não só de pão vive o homem». Ter alegria e satisfação na vida também dá saúde, e mesmo mais do que muitos pensam.

Se todas as famílias no mundo possuísem terreno e cultivassem árvores de fruto, isso seria o ideal. Mas uma vez que assim não é, e por várias razões, uns têm de cultivar para si e para os outros. Por isso, a fruticultura tem também um lugar na venda e no mercado. Assim, plantar fruta para o consumo da sua casa e para vender é o dever de todo o agricultor. A fruta é a cultura que menos trabalho dá. Depois de a árvore plantada e crescida, requer poucos cuidados.

Não compreendo porque não se plantam mais árvores frutíferas, quando é certo que todos gostam. É bom que apreciem a fruta, mas melhor ainda fariam se se dedicassem mais à sua cultura.

É sempre tempo para começar. Para principiar, basta algumas árvores junto de casa e ainda algumas mais nos cantos da naca, onde recebam um pouco de água, se para isso houver possibilidades.

Para que o carro dure mais e funcione melhor, necessita de óleo no motor e de boa lubrificação. Mesmo uma bicicleta precisa de ser lubrificada nos pontos próprios. Se assim não fizermos, as máquinas e motores estragam-se depressa. Igualmente o nosso corpo necessita de fruta para o bom funcionamento do estômago, dos intestinos e de todo o corpo em geral. Nem só de pão e pirão vive o homem; precisa também de fruta.

As árvores são como todas as coisas vivas e que se desenvolvem: necessitam de boa cama e alimento.

O modo melhor de plantar uma árvore resume-se em abrir uma cova com um metro de diâmetro por outro de fundo. No fundo deitam-se folhas secas, capim seco ou quaisquer restos de plantas já em decomposição ou, melhor, uma boa camada de estrume. Se possível, deve preparar-se a cova pelo menos um mês antes da plantação. Na oca-

Continua na pág. 16

Histórias Africanas



O RECTO CAMINHO

A velhinha caminhava vagarosamente; o sol estava quente; ela já tinha andado muitos quilómetros, e os seus pés estavam feridos. Era leprosa, e os pés tinham começado a ficar corroídos por essa terrível doença. Cada passo que dava era doloroso.

Como não era cuidada nem respeitada na aldeia em que vivia, decidiu ir para junto de seu filho que vivia na cidade de Panga.

Seguindo o seu caminho, procurou um lugar onde pudesse parar e descansar; mas ninguém queria que uma velha leprosa ficasse em sua casa. Finalmente chegou à Missão de Olina.

Ali não foi rejeitada, e por isso ficou. Alguns cristãos nativos amáveis deram-lhe de comer e um lugar para dormir.

«Aonde vais, velhinha?» perguntaram eles.

«Vou a Panga visitar o meu filho», respondeu.

«Estamos admirados», responderam eles. «Sabes a que distância fica Panga? A mais de 150 quilómetros. Nunca lá chegarás a pé. Certamente morrerás no caminho».

«Seja como Deus quiser. Eu tenho de ir para junto do meu filho», respondeu ela. «Não há outro lugar para mim».

Não puderam detê-la, e assim no dia seguinte prosseguiu a sua viagem. Não tinha andado muito, quando chegou uma

carrinha. O condutor pensou que podia divertir-se à custa daquela velha, e assim parou e perguntou: «Para onde vais?»

Ela respondeu: «Vou a Panga para ver o meu filho».

«Minha velha, nunca lá chegarás pelo caminho que levás. Tens de voltar para trás e seguir por outro caminho». E com o dedo apontou para a direcção oposta.

É estranho, pensou ela consigo mesma. Disseram-me para seguir por este caminho. Agora o condutor diz-me para voltar para trás. E certamente ele sabe o que diz, pois costuma passar por aqui na sua carrinha. Devo estar enganada. E voltou para trás e caminhou na outra direcção.

O condutor da carrinha riu-se para si mesmo, pois tinha dado indicações erradas. Mal pensava ele nos pobres pés cansados e nos muito quilómetros que ela já tinha andado. Então voltou a pensar na velhinha durante o resto da sua viagem.

Pouco tinha andado, quando a carrinha da Missão passou por ela. O missionário reconheceu nela a velhinha que tinha passado a noite na Missão.

«Velhinha», disse ele, «não compreendeste qual era o caminho que devias seguir? Não estás a ir na boa direcção. Por este andar nunca chegarás a Panga».

Mas a pobre velha estava agora confusa. A princípio pensava que seguia na recta direcção; depois o motorista disse-lhe para voltar para trás e seguir nou-

tra direcção. Agora o missionário dizia-lhe para seguir o primeiro caminho. E assim olhou para ele e prosseguiu no seu caminho errado.

O assunto de que o missionário ia tratar levava-o pelo caminho que a velha seguia, mas não pelo que ela na realidade necessitava de seguir, de sorte que não a levou. Todavia, depois de ter tratado do que precisava, ao regressar encontrou de novo a velhinha, que ainda estava prosseguindo no caminho errado.

Parou a carrinha e disse: «Entra no carro, velhinha. Tu vais no caminho errado. Vou levar-te de novo para a Missão. Podes passar ali outra vez a noite, porque estás cansada da viagem. Amanhã pôr-te-emos numa carinha que vai para Panga. Não tens que te preocupar mais com o caminho, porque a carrinha vai mesmo até à cidade. E ali não te será difícil encontrar a casa de teu filho».

A princípio a mulher ainda não acreditava que estivesse seguindo o caminho errado. Não queria entrar no carro, mas finalmente entrou. Pelo menos descansaria dos pés, pensou ela, e afinal podia ser que o missionário tivesse razão.

De novo na Missão, trataram-na com bondade, e deram-lhe de comer e um sítio para dormir.

Na manhã seguinte, o missionário chamou a velhinha. «Velhinha, dei a um aluno dinheiro para pagar a tua viagem numa carrinha até Panga. Tens que esperar com ele lá junto ao monte até que chegue a carrinha. Não saís da carrinha até chegar a Panga. Boa viagem, velhinha».

«Obrigado», respondeu ela. Ela seguiu o aluno até junto do monte, e quando chegou uma carrinha, o aluno fez sinal para parar e falou com o condutor.

«Vai para Panga»? perguntou. Quando o condutor disse que sim, o aluno continuou: «Aqui está uma velha que quer ir para Panga. Ela atrapalha-se facilmente. Não a deixe sair da carrinha até chegarem. Cuide bem dela. Está aqui o dinheiro para pagar a sua viagem».

O condutor aceitou alegremente o dinheiro e prometeu cuidar dela até che-

gar ao seu destino. Por fim a velhinha pôde chegar a casa de seu filho.

O pecador é como aquela velha: quer ir para o Céu, mas não sabe como. Pode começar na direcção correcta, mas encontra no caminho pessoas que lhe dão indicações erradas. Perde o caminho, e se não houver ninguém para o ajudar, perder-se-á. Mas a Bíblia indica claramente o recto caminho. Há apenas um caminho para atingir o Céu. E o preço da passagem foi pago por Cristo. Este caminho é o caminho de Cristo, e deve ser também o vosso caminho.

Zola Brown

Noções de Agricultura

Continuação da pág. 14

sião de plantar a árvore, deita-se uma camada de terra leve, da melhor que se tiver à mão, junto da cova, e então coloca-se a planta de modo a não ficar muito enterrada nem com as raízes fora da terra. Enche-se a cova com a terra restante e aperta-se um pouco junto da planta. Deita-se um bom balde de água e se a árvore for já um pouco crescida deve colocar-se um pau ao qual se amarra até que tenha pegado bem. Depois é só deitar água de vez em quando. Ter cuidado com o salalé, que ataca as árvores especialmente quando são novas.

Depois de crescidas, as árvores de muita produção beneficiarão com duas ou três padiolas de estrume, pelo menos uma vez por ano.

Estes simples esclarecimentos são apenas para algumas árvores junto de casa. Quem se quiser dedicar à fruticultura terá de recorrer a outras técnicas e cuidados, não apresentados neste trabalho por não ser esse o nosso objectivo.